

ÍNDIOS: DE SUAS ORIGENS ATÉ A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Natália David Vilela
Taryane Barros Alves
Eleno Marques de Araújo

Resumo: Os portugueses e espanhóis ao chegarem no território que atualmente corresponde à América, denominaram os povos nativos que habitavam de índios, pois acreditavam ter chegado às índias. O primeiro contato foi de estranhamento devido às diferenças culturais. Entre as civilizações nativas que se destacaram, podemos citar os Incas, os Astecas e os Maias. No entanto, o etnocentrismo, provocou a sobreposição da cultura européia sobre esses por meio da violência. Esse processo de aculturação desencadeou a morte de milhares de indígenas, e a extinção de vários hábitos e costumes. No Brasil, atualmente, são raras as tribos que não têm contato com o restante da sociedade e mantém suas próprias tradições, entre elas, utilizamos como exemplificação os karajás. Este estudo objetiva evidenciar o impacto do preconceito e do etnocentrismo, que levou à hierarquização de etnias, por meio da violência, resultando na extinção de algumas culturas. Logo, foi utilizado da averiguação nos bancos de dados da Scielo sobre o tema abordado, além da utilização de literatura estrangeira e nacional que explicasse desde o surgimento da população indígena até a atual situação destes na sociedade contemporânea.

Palavras-chaves: Etnocentrismo. Dominação. Violência. Aculturação. Extinção.

Introdução

Os primeiros descobridores da América foram de fato antigas comunidades no período da pré-história, que migraram de outro continente por três caminhos distintos: o primeiro que contou com o maior número de migrantes foi por meio do Estreito de Bering, entre a Ásia e a América, no qual o oceano estava coberto de gelo, e foi usado como passagem entre os dois continentes, segundo o cientista Colombiano Andrés Ruiz-Linares, da *University College de Londres*. Assim, os primeiros povos que habitaram, supostamente encontraram um local inabitável, que foram em direção ao sul, deixando povoações durante a passagem, processo que durou cerca de mil anos. Estima-se que antes da chegada dos europeus existiam cerca de 100 milhões de índios no território, sendo cinco milhões na parte que correspondia ao Brasil.

Segundo a obra “Índios no Brasil: A descoberta da América e o encontro com o outro” de Luís Donisete Benzi Grupioni, o modo de vida indígena anterior à ocupação europeia era muito diferente, pois muitas tribos perderam a identidade cultural devido ao etnocentrismo. O conceito da palavra etnocentrismo segundo Everardo Rocha é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas



definições do que é a existência. A partir dele, houve a sobreposição de uma cultura sobre a outra por meio da violência. Portanto, muitos hábitos, costumes e rituais de várias tribos foram perdidos. Entre os povos que ocupavam a América antes da chegada dos europeus se destacaram grandes civilizações como os Incas, os Maias e os Asteca.

Os Maias viviam na região que corresponde à Península de Iucatã, no México, atualmente, Belize e partes da Guatemala e Honduras na América Central. Na organização política, possuíam cidades-estados e formavam regiões independentes, juntos às aldeias. Nestes, a autoridade e o poder eram executados em nome de divindades. Em relação, à religiosidade, a civilização era teocrática, na qual a supremacia convém aos sacerdotes e ao imperador, que era visto como um representante das vontades da divindade na terra. As crenças dos Maias afirmavam que o destino era controlado pelos deuses do céu, da Lua, do Sol, da chuva, do vento, da morte, da vida, da agricultura da caça e da pesca. Com o intuito de demonstrar sua gratidão à essas divindades eram ofertadas safras de alimentação, realizados sacrifícios de animais e de humanos, além de elaborar cerimônias de homenagens com danças e representações teatrais.

A civilização Inca prosperou na América do Sul nas Cordilheiras dos Andes, em países que atualmente abrangem o Peru, a Colômbia, o Equador, o oeste da Bolívia, o norte do Chile e o noroeste da Argentina. A sociedade era hierarquizada e definida por segmentos sociais. No topo da pirâmide social estava o Grande Inca, este fazia devoção ao Deus Sol. A religiosidade e as crenças eram essenciais na cultura inca, estes eram politeístas. Dessa forma, acreditavam em diversas divindades, que geralmente estavam relacionados com a natureza, a exemplo do Deus Sol, Lua, chuva e rio. Nesse contexto, as forças do meio ambiente controlavam a vida. Seus deuses recebiam oferendas que incluíam sacrifícios humanos, enquanto isso, a civilização inca aguardava um retorno divino que poderia ser em forma de chuva, saúde e produtividade.

Os povos Astecas desenvolveram-se na região onde atualmente se localiza o México entre os séculos XIV e XVI. Construíram a cidade de Tenochtitlán, a qual existe até os dias atuais referindo-se à Cidade do México. A sociedade segmentada era governada por Montezuma, que era o imperador e o líder militar. Estes aprimoraram conceitos da matemática e da astronomia, ao realizar a construção de pirâmides para



cerimônias religiosas. Por fim, é importante ressaltar que também homenageavam e adoravam seus deuses com sacrifícios humanos, sendo politeístas.

O autor Luís Donisete Benzi Grupioni também aborda que os astecas e os incas foram as maiores civilizações dominadas pelos espanhóis, eles foram dizimados devido à superioridade bélica, que constava com as armas de fogo e canhões, à presença de cavalo que não existiam na América, e a disseminação de doenças trazidas de outros continentes, às quais os nativos nunca tiveram contato, não sabiam como tratar e não desenvolviam imunidade.

Em relação aos povos que habitavam o território brasileiro em 1500, estes viviam da caça, pesca, agricultura de milho, feijão, batata-doce, mandioca, abóbora, utilizando a técnica agrícola da coivara. Os indígenas brasileiros domesticavam animais como o porco e a capivara. O índio brasileiro respeitava o meio ambiente, praticando somente a agricultura de subsistência, retirava apenas o que era preciso do meio ambiente para a sua sobrevivência. A comunicação entre as tribos ocorria em épocas de guerra, casamentos, cerimônias de enterro e durante o estabelecimento de uma aliança contra um inimigo em comum. Tinham como moradias, ocas, construía arcos e flechas, canoas, faziam redes, utilizam cerâmica para produzir potes e panelas. Os índios se vestiam com penas e pelos de animais.

A diferença cultural entre os nativos brasileiros e os espanhóis chegou a levantar questionamentos se os índios poderiam ser seres humanos e se possuíam almas, muitos diziam que estes não poderiam descender de Adão e Eva e utilizavam partes da bíblia para comprovar suas teorias. Por outro lado, os nativos achavam que os europeus poderiam ser deuses, uma vez que havia histórias indígenas de que os deuses chegariam do mar. Dessa forma, assim que os espanhóis chegaram pelas águas do oceano que nunca havia sido desbravada pelos nativos, desceram de seus barcos montados em seus cavalos, criaturas nunca vistas anteriormente, os indígenas julgaram que cavalo e homem formavam uma só criatura, como em suas lendas. A teoria de que os espanhóis eram deuses era reforçada pelo fato de muitas divindades indígenas serem animais, com partes humanas.

Isso contribuiu para a exploração do homem europeu em relação aos ameríndios, uma vez que após ter passado o momento de estranhamento e medo, estes procuraram



a princípio servir seus deuses e tentar agradá-los para obter um retorno divino. Entretanto, os europeus estavam interessados em buscar ouro e outras especiarias que poderiam ser vendidas em seu continente. Essa situação de tirar proveito e explorar o meio ambiente, causou uma devastação no solo, e repercutiu na devastação de florestas. Esse foi um dos principais fatores pelos quais os indígenas começaram a se rebelar contra os portugueses. Após a vitória portuguesa em relação aos indígenas do território brasileiro, muitos índios foram escravizados, outros foram submetidos à catequização.

A catequização dos povos indígenas no Brasil foi uma tentativa desesperada de conseguir mais fiéis para a Igreja Católica após a reforma protestante. Essa aculturação começou com os jesuítas, liderados por Manuel Da Nóbrega, em 1549. Esses religiosos foram os pioneiros na educação indígena e também lusitana na colônia recém descoberta. Em uma tentativa desesperada de salvar o cristianismo, a evangelização destruiu bases culturais dos brasileiros, como a língua tupi-guarani. Além disso, foram considerados por alguns teóricos como um dos primeiros escravocratas por utilizar da mão de obra indígena para trabalhos agrícolas, em troca de uma falsa salvação e purificação da alma, criada pela igreja como uma tentativa de justificar esses atos contraditórios ao abusar de alguém através da religião. Porém não podemos apenas olhar esse malefício, afinal, os jesuítas além de construir edifícios católicos de vital importância, contribuíram para a escolarização brasileira.

Sendo a aldeia a unidade básica política e social, o poder de decisão é exercido essencialmente pelos indivíduos do sexo masculino, havendo assim algumas vezes disputas entre facções e grupos masculinos para assumir o poder. O contato com a sociedade não indígena fez então surgir a figura do cacique, fantasiada pela população, que é o eleito para ser o responsável pelos assuntos externos a tribo, como entrevistas a pesquisadores, obter ajuda de ONGs e se comunicar com os governos estaduais e nacionais.

De acordo com Ricardo Gomes Lima, os Karajá têm estabelecido uma divisão social de gênero entre homens e mulheres, definido socialmente os papéis já previstos nos seus mitos. Aos homens cabem então a defesa do território, a pescaria, a construção de moradia e as discussões entre os outros membros da tribo. Já as mulheres são responsáveis pela educação dos filhos, sendo os homens até o ritual de iniciação, e as



meninas até se casarem, ensinando-as a parte doméstica, como cozinhar, lavar, colher, cuidado com os filhos após o casamento, e também a confecção de bonecas de barro.

Sendo uma herança cultural marcante, a confecção de bonecas de barro pelas mulheres do grupo ainda expressa um costume que não se desfez com o contato com a sociedade não indígena e também com a dizimação no passado de parte dos membros dessa tribo. Mesmo tendo na memória o modo tradicional de fabricar as bonecas, o modo atual é mais utilizado. Antigamente o barro era retirado da própria área indígena, e envolvia partes complicadas como coleta e escolha de material. Atualmente, é mais fácil adquirir a argila por compra, que vem pronto apenas para serem modelados. Além da argila, alguns outros materiais como lâminas, varas de bambu e machados, são comprados nas cidades próximas a aldeias, como a cidade de Aruanã, para facilitar na caça, pesca e plantio respectivamente.

Considerações finais

Indubitavelmente ficou explícito que desde o contato do índio com os povos brancos, além da dizimação inicial, houve a aculturação, visto que algumas tribos do Brasil que ainda vivem de forma tradicional, adquiriram objetos das sociedades contemporâneas como roupas, calçados, e em alguns casos até automóveis. São raras as tribos no Brasil que ainda vivem sem ter havido qualquer contato inicial com a sociedade, e na sua maioria elas estão localizadas em lugares de difícil acesso, como na da Floresta Amazônica. Esses são os principais indígenas que ainda exercem rituais, cultos a deuses, sem qualquer interferência externa da tribo. Isso mostra a importância de leis e órgãos como a FUNAI, que visam conservar e por meio da justiça garantir a prosperidade e proteção desses povos, mantendo assim preservados seus costumes e tradições.

Referências

RICARDO GOMES LIMA (Brasil). Ministério da Cultura (Org.). Iny Karajá: Bonecas Cerâmicas RITXÔKÔ: Arte e ofício do povo Karajá. Rio de Janeiro: Museu do Índio Funai, 2011. 28 p. Pesquisa de: Manuel Ferreira Lima Filho.

G1, Google. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2012/07/primeiros-habitantes-chegaram-america-em-tres-ondas-migratorias.html>>. Acesso em: 17 de novembro de 2016.



PasseiDireto, Google. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/20040018/maias-e-incas/1>>. Acesso em: 17 de novembro de 2016.

Sua Pesquisa, Google. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/indios/>>. Acesso em 17 de novembro de 2016.

Everardo P. Guimarães Rocha, O que é Etnocentrismo. Disponível em: <<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/colecao3a7c3a3o-primeiros-passos-o-que-c3a9-etnocentrismo.pdf>>. Acesso em 17 de novembro de 2016.

Povos Indígenas no Brasil, Google. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/karaja>>. Acesso em 17 de novembro de 2016.

Alunos Online, Google. Disponível em: <<http://alunosonline.uol.com.br/historia-do-brasil/primeiros-contatos-entre-indigenas-europeus.html>>. Acesso em 17 de novembro de 2016.

Mundo educação, Google. Disponível em: <<http://alunosonline.uol.com.br/historia-do-brasil/primeiros-contatos-entre-indigenas-europeus.html>>. Acesso em 17 de novembro de 2016.

Forest Comunicação, Google. Disponível em: <<http://www.forestcom.com.br/?noticia=como-vivem-os-indios-karaja>>. Acesso em 17 de novembro de 2016.

LUÍS DONISETE BENZI GRUPIONI. Ministério da Educação e Desporto (Org.). Índios no Brasil: A descoberta da América e o encontro com o outro. 2. ed. Brasília, 1994. Aspectos sociológicos.

Dos autores

Natália David Vilela: Acadêmica do curso de medicina da UNIFIMES – Centro Universitário de Mineiros, Goiás. E-mail: nataliadavidv1996@gmail.com

Taryane Barros Alves: Acadêmica do curso de medicina da UNIFIMES – Centro Universitário de Mineiros, Goiás. E-mail: Taryane.a@hotmail.com

Eleno Marques de Araújo: Professor adjunto e diretor de pesquisa do curso de medicina da UNIFIMES – Centro Universitário de Mineiros, Goiás. E-mail: eleno@fimes.edu.br

